

# COMO A EDUCAÇÃO TRANSFORMA O MUNDO: EM HOMENAGEM AO CENTENÁRIO DE PAULO FREIRE

Gao Ran<sup>1</sup>

(tradução do chinês para o português: Lu Zhengqi)

**Resumo:** Trata-se de uma investigação sobre pontos de convergência epistemológica e prática educativa entre dois educadores, um chinês, Tao Xingzhi, e um brasileiro, Paulo Freire, com resultados bastante relevantes quanto à libertação de um povo oprimido, não apenas em seus respectivos países, mas por todo o mundo.

**Palavras-chave:** Educação comparada. Tao Xingzhi. Paulo Freire. Socialismo.

**Abstract:** This is an investigation into points of epistemological convergence and educational practice between two educators, one Chinese, Tao Xingzhi, and one Brazilian, Paulo Freire, with very relevant results regarding the liberation of an oppressed people, not only in their respective countries, but all over the world.

**Keywords:** Comparative education. Tao Xingzhi. Paulo Freire. Socialism.

Em outubro de 2021, foram realizadas atividades por toda a parte da China, para comemorar o 130º aniversário do nascimento de Tao Xingzhi, o “educador do povo”. Na esteira da política de “dupla redução”<sup>2</sup> proposta pelo governo chinês, o pensamento e a prática educacional de Tao mais uma vez mostram seu caráter inspirador para a época contemporânea. Quase ao mesmo tempo, na América Latina e outros países, estão presentes comemorações ao centenário do nascimento de Paulo Freire, igualmente um “Educador do Povo”. Apesar da falta de provas de que tenham se conhecido, os dois professores, sem dúvida, poderiam ser considerados camaradas potenciais. Com base na teoria democrática e pragmática de educação de John Dewey, junto com as práticas

---

<sup>1</sup> Publicado na plataforma do Instituto de Estudos Regionais, Universidade de Pequim (PKU ou BEIDA). 31/12/2021. Disponível em: [https://m.thepaper.cn/baijiahao\\_16091904](https://m.thepaper.cn/baijiahao_16091904).

<sup>2</sup> “Dupla redução” refere-se a medida equilibradora recente que vem sendo implantada pelo governo da China, desde 2021, no sentido de reduzir tanto a carga excessiva de lições de casa, quanto o recurso a aulas de reforço extraclasse, que se haviam tornado quase obrigatórias em boa parte das escolas públicas de nível básico, fundamental e médio (N.T.).

sociais na China, Tao Xingzhi propõe uma série de ideias, entre as quais muitas como “vida cotidiana como formação”, “sociedade como escola”, “formando, aprendendo, praticando” “professor igual a estudante” “formar-se para ficar entre o povo, mas não acima do povo” podem encontrar claramente consensos com pensamentos de Paulo Freire. Além disso, ambos os pensadores se dedicam, por anos, à alfabetização popular com ideal de democracia social. No caso da noção de “educação popular”, Tao Xingzhi utiliza o termo no mesmo sentido que Paulo Freire: “dos pobres e para os pobres” (f. GAO, 2017). Introduzida na China, em 2001, a obra *Pedagogia do Oprimido*, a academia chinesa já tem conhecido a educação emancipatória de Freire, mas é possível que ainda não tenha conhecido o efeito realizado nem o valor potencial do pensador.

Paulo Freire (1921-1997) nasceu em uma família de classe média, sendo o pai capitão da Polícia Militar e a mãe costureira, no Recife, capital do estado de Pernambuco. Pela morte do pai e a depressão de 1929, a família viveu um período de pobreza e fome, mas não desistiu da formação de Freire, nem vendeu o piano, símbolo do status social. Em 1943, Freire ingressou na Faculdade de Direito da Universidade do Recife, ao mesmo tempo estudando filosofia da linguagem. Durante seu tempo lá, Freire se tornou professor de línguas do ensino médio e casou-se com Elza Maia Costa de Oliveira, professora da escola primária, e nasceram seus filhos.

Desde que Getúlio Vargas chegou ao poder federal, em 1930, a indústria nacional passava por um período de desenvolvimento rápido, com a fraqueza crescente de oligarcas agrários na área política. Encerrada a 2ª Guerra Mundial, à medida que o regime do Estado Novo fracassou e que a democracia eleitoral se restabeleceu, os trabalhadores brasileiros demonstram uma consciência política de participação aumentada de modo considerável. O Nordeste do Brasil, vítima do declínio da economia açucareira e secas frequentes desde o século XIX, de onde tinham emigrado grandes populações pelo atraso no desenvolvimento econômico, demonstrou, no século XX, uma criatividade e influência incríveis nos campos de cultura, ideologia e política populares. Em 1946, Freire iniciou sua carreira no Serviço Social da Indústria (SESI), instituto fundado pelo capital industrial com objetivo de mediar relações de trabalho.

Logo, promovido a chefe de seção de educação e cultura no departamento pernambucano, conseguiu uma vida de classe média com serviço de babá e motorista. De outro lado, o trabalho lhe garantiu seu contato com camponeses e operários. Ao convencê-los a prestar atenção à educação deles e seus filhos, além de ter lhe aumentado a habilidade de comunicação (o caráter autônomo do SESI ainda lhe forneceu um clima favorável para inovar e experimentar diversos meios de trabalhar), ficou a duvidar da capacidade do “serviço social” reformista em tratar de conflitos profundos da sociedade brasileira. Nas eleições de 1958 e 1959, por meio de aliança com forças de esquerda incluindo o Partido Comunista, Cid Sampaio, seu chefe (como empresário e presidente do Centro das Indústrias de Pernambuco), e Miguel Arraes (do Partido Socialista Brasileiro), foram eleitos respectivamente governador do Estado de Pernambuco e prefeito do Recife, trazendo energia extra à política e sociedade locais e desenvolvimento acelerado de sindicatos de operários e camponeses e associações de comunidades.

Naquela época, a alfabetização conseguia atenção crescente na sociedade. Como a Constituição vigente fazia da alfabetização um pré-requisito para o cidadão votar, várias forças políticas se tornaram interessadas em desenvolver e controlar seu potencial de votos. De outro lado, os esforços de Fidel Castro em promover o movimento de alfabetização, depois da Revolução Cubana, não só incentivaram as esquerdas e líderes do Terceiro Mundo, mas também levaram o governo de Kennedy dos EUA a fortemente patrocinar as campanhas alfabetizadoras nos países latino-americanos, a fim de disputar a liderança.

Em 1961, como diretor do Departamento de Extensões Culturais, da Universidade de Recife (hoje Universidade Federal de Pernambuco), Paulo Freire participou profundamente do Movimento de Cultura Popular (MCP), iniciado por Miguel Arraes no ano anterior. Desse movimento, com foco na alfabetização de adultos e educação de base, e com a finalidade de promover a democracia social pela democracia cultural, participaram ativamente os intelectuais, artistas e universitários (o arcebispo de Recife mesmo convocou o engajamento dos assistentes sociais católicos e os comunistas). Em formas diversas, incluindo rádio, esportes, filme, teatro, música e seminários, o movi-

mento chegou a estabelecer um número de centros culturais em comunidades, que gradualmente se espalhavam por mais regiões e, por isso, foi chamado pelos contemporâneos de “revolução pacífica”.

Em 1963, em Angicos, no Rio Grande do Norte, Freire, com um grupo da Universidade de Recife que conduziu, conseguiu capacitar 299 alunos de todas as idades a ler e escrever com apenas 40 horas de aula em 45 dias. Daí a notoriedade nacional do “Método Paulo Freire”, representado por “palavras geradoras” (usadas com imagem) e “círculo de cultura” (grupo de discussão que substitui aulas convencionais). O presidente João Goulart, após uma visita pessoal a Angicos, determinou-se a divulgar a experiência pelo país. Ainda naquele ano, Freire entrou no Ministério de Educação e, junto com o ministro Paulo de Tarso Santos, que apoiava o movimento estudantil de esquerda católica, levou a campanha de alfabetização no país a um clímax, construindo em um ano mais de 20 mil “círculos de cultura”, com 2 milhões de pessoas envolvidas. Em 1964, no entanto, o golpe militar encerrou o processo. Em seguida a uma detenção de 70 dias, Freire partiu para o exílio.

Após uma estada breve na Bolívia, Paulo Freire saiu para o Chile. Em cooperação com o governo democrata-cristão de Eduardo Frei (1964-1970), serviu como consultor em projetos de alfabetização em áreas rurais e formação de professores do ensino fundamental. Ainda a partir disso, envolveu-se em mobilizar os camponeses na reforma agrária. Durante o período, concluiu as suas duas obras-primas, *Educação como prática da liberdade* e *Pedagogia do Oprimido*. O segundo deles foi logo traduzido em várias línguas ocidentais, levando-lhe uma grande notoriedade internacional.

Em 1969, no contexto de movimentação ativa antiguerra do Vietnã e campanhas de direitos civis nos EUA, Freire foi convidado para a Universidade de Harvard, como professor visitante no Centro de Estudos em Educação e Desenvolvimento. Mesmo bem recebido pela faculdade, o pensador, sem vontade de limitar-se à vida acadêmica, mudou-se para a sede do Conselho Mundial de Igrejas (CMI; em inglês, World Council of Churches, WCC) em Genebra, Suíça, para o recém-formado Departamento de Educação da instituição. Com uma autonomia maior do que as igrejas-membro,

o corpo central do CMI que, bem como a Igreja Católica, estava sofrendo influência profunda da teologia da libertação (em particular, a “teologia da revolução”, que Richard Shaull, teólogo presbiteriano norte-americano, tinha desenvolvido com base na experiência latino-americana), apoiou dinamicamente os movimentos de libertação nacional, o desenvolvimento e as reformas sociais com o objetivo de eliminar divisões de classe no Terceiro Mundo. Por meio da plataforma, Freire conseguiu espalhar seus pensamentos e métodos de educação pelo mundo todo. Na década de 1970, dirigiu diretamente os movimentos de alfabetização na Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, dois estados novos na África. Neste último país, obteve maior sucesso. A grande maioria da população na Guiné-Bissau falava apenas crioulo. Até Freire se opôs à adoção do português como única língua oficial, que era a política do governo local. Em 1979, na Nicarágua, a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) tomou o poder nacional pela luta armada, iniciando a última experimentação social com ar utópico na Guerra Fria. Foi naquele momento que, pela primeira vez, a teologia da libertação tinha conseguido lugar dominante em um país. O CMI prestou apoio generoso à FSLN, e Freire participou por período breve na alfabetização na Nicarágua com as experiências africanas dele. A “educação revolucionária”, na Nicarágua, mais próxima do modelo cubano, deixou de seguir o método de Freire que não adotava materiais didáticos padronizados. Apesar disso, Freire ainda estava animado pelo sucesso do movimento que, em 1980, ganhou o Prêmio Nadejda Krupskaya de Alfabetização da UNESCO.

Em 1980, Freire voltou do exílio de 16 anos, para lecionar na Universidade Estadual de Campinas e na Universidade Católica de São Paulo e participou da fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) sob a direção de Luíz Inácio Lula da Silva, como responsável por programas de educação. Em 1988, Luiza Erundina de Sousa, membro do PT, foi eleita a prefeita de São Paulo. Em janeiro do ano seguinte, Freire foi nomeado secretário de Educação dessa maior metrópole no hemisfério sul e, na sequência, dirigiu uma reforma abrangente do sistema público municipal de ensino básico, envolvendo: a) que professores, funcionários, alunos e famílias, juntos como sujeitos de educação,

participem na administração democrática da escola; b) que se elaborem cursos interdisciplinares e se organizem conhecimentos por perguntas, a partir de práticas cotidianas do aluno e concentrando-se em conhecer e transformar as realidades sociais; c) que se combine a pedagogia dialógica e com o modelo ação-reflexão-ação, para o aluno construir o sistema de conhecimento de si mesmo através de aprendizagem participativa; d) que se formem grupos de formação de professores, ligando a formação profissional às práticas de trabalho e vida dos docentes, para criar um mecanismo de aprendizagem ao longo da vida; e) e que se torne a escola o centro que serve para estudos, comunicações e geração de política popular emancipatória na comunidade. Em 27 de maio de 1991, Freire renunciou ao cargo administrativo. A reforma de ensino cessou com o fracasso do PT nas eleições no final de 1992. Desde então, dedicou-se mais em elaborar obras e, ao mesmo tempo, insistiu em criticar a teoria do “fim da história”, popular após o colapso da União Soviética, em 1991, até o falecimento dele, em 1997.

Na perspectiva política, Freire pertence à Nova Esquerda que surgiu na década de 1960, com crítica a ambos os modelos dos Estados Unidos e da União Soviética, mas com simpatia às revoluções no Terceiro Mundo. Acredita-se que as ideias dele têm fontes, entre outras, em: a) a doutrina social da igreja e o personalismo (Jacques Maritain e Emmanuel Mounier); b) o método de trabalho dos movimentos leigos da Ação Católica, especialmente da Juventude Operária Católica (JOC) (VER, JULGAR e AGIR); c) a teoria desenvolvimentista do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB); d) a dialética mestre-escravo de Hegel; e) o existencialismo e a fenomenologia cristã; f) o marxismo-leninismo e o marxismo ocidental (Gramsci, Marcuse, Fromm); g) a ideia de Mao Tse-Tung sobre a linha de massas. Freire disse: “Quanto mais eu li Marx, tanto mais eu encontrei uma certa fundamentação objetiva para continuar camarada de Cristo.” (cf. FREIRE, 1997) Em suma, pode se chamar de socialista cristão, socialista ético ou marxista humanista. Os pesquisadores de hoje gostam de comparar Freire com Sócrates/Platão, Rousseau, Jacotot, Dewey, Martin Buber, David Bohm, Habermas e Rancière. É possível resumir suas propostas principais ao seguinte:

Em primeiro lugar, a igualdade é um pré-requisito para a educação. Independente de idade e nível, todos são sujeitos de ensino, compartilhando as identidades de professor e aluno, entre as quais podem trocar a qualquer momento.

Segundo, quanto ao núcleo do método pedagógico, deve-se substituir educação “bancária” (unidirecional) por diálogo, questionamento e aprendizagem participativa. A “formação” do conhecimento deve ter como ponto de partida a experiência da vida de quem aprende, com uma compreensão dialética das realidades sociais como direção, com práticas de descobrir e resolver problemas e com reflexões sobre tais práticas como energia inesgotável.

Finalmente, a política é a essência da educação. O objetivo básico da “educação popular” é que, por meio da formação de “cidadãos críticos” (ou seja, “conscientização” do aluno), transforme a estrutura polarizada da sociedade, para criar um novo mundo de esperança, liberdade, alegria e amor com base na democracia participativa (cf. GAO, 2017).

No momento, Freire é um dos estudiosos mais citados mundialmente nas áreas de ciências humanas e sociais. A pedagogia crítica fundada por ele é ensinada em universidades por todo o mundo (embora fora da corrente dominante). Para promover as ideias pedagógicas dele, os Institutos Paulo Freire estão estabelecidos em países como África do Sul, EUA, Canadá, Alemanha, Reino Unido, Áustria, Espanha, Portugal, Finlândia, Irlanda e Malta.

No Brasil, até 2003, em regiões governadas por partidos de esquerda, pelo menos 12 cidades e 2 estados tinham aproveitado em reformas de ensino público a experiência de Freire em São Paulo. A formação da “escola cidadã” em Porto Alegre, em particular, realizou verdadeiramente o sistema de conselho escolar e congresso municipal de educação proposto por Freire, que, junto com o bem-conhecido “Orçamento Participativo”, aumentou de modo considerável os níveis de igualdade educacional e de democracia social. Influenciado diretamente pelas ideias pedagógicas de Freire, até 2009, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) tinha estabelecido mais de 2 mil escolas públicas em áreas rurais em colaboração com governos de diversos níveis, beneficiando aproximadamente 200 mil alunos. Enquanto o governo fornecia infraestruturas, equipamentos, salários dos professores e

materiais didáticos, o MST estava responsável por atividades como comunicação escola-comunidade, formação dos professores e inovação dos cursos. Essas escolas enfatizam sobretudo o valor da educação em servir a vida rural. Os cursos interdisciplinares sempre abrangem temas “generativos”, tais como agricultura ecológica, reforma agrária e movimentos sociais. A essência da ideia de Freire em reforma educacional também se manifesta em reuniões, congressos de comunidade e, acima de tudo, discussões públicas entre professores, pais, alunos, funcionários e ativistas intelectuais para elaborar programas de curso (cf. GAO, 2017).

Freire é um dos verdadeiros pioneiros da teologia da libertação na América Latina. Em 1968, Bélgica, teólogos brasileiros que viviam na Europa organizaram um seminário para discutir a recém-publicada *Pedagogia do Oprimido*, com presença de Leonardo Boff e Hugo Assmann, que depois se tornaram figuras de destaque na teologia da libertação brasileira. Chegando à Suíça, Freire participou do corpo editorial da revista acadêmica multilíngue, *Concilium*, uma das mais significativas de teologia progressista católica internacional, para trabalhar ao lado dos teólogos católicos mais influentes no século XX, tais como Karl Rahner, Yves-Marie-Joseph Congar, Edward Schillebeeckx, Hans Küng e Gustavo Gutiérrez. Os métodos pedagógicos e o modelo de “círculo de cultura” inventados por Freire, durante o exílio dele, foram promovidos animadamente por Hélder Câmara e outros bispos progressistas. Tornaram-se o princípio institucional das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e, a partir daí, influenciaram a quase todos os ativistas sociais brasileiros desde a década de 1970, finalmente gerando o maior partido de esquerda (PT) e o maior movimento social (MST) na América Latina. Na Coreia do Sul, nos anos de 1970, a *Pedagogia do Oprimido* foi aplaudida pela Missão Industrial Urbana (em inglês, Urban Industrial Mission, UIM) e nas escolas noturnas, enquanto o conceito de “conscientização” foi aceito como importante recurso ideológico nos movimentos populares naquele país. Ainda no final dos anos 1960, via a rede internacional de organizações cristãs de estudantes, parte da obra de Freire foi introduzida em versão inglesa na África do Sul, produzindo efeito direto no Movimento da Consciência Negra



(Black Consciousness Movement) liderado por Steve Biko. Inspirou muitos estudantes progressistas a entrar nas comunidades para conectar-se com o povo negro, ajudando-lhes a primeiro lidar com desafios na vida, em vez de fazer propaganda política com palavras vazias. Isso contribuiu para a África do Sul acabar com o regime do *apartheid*.

Em 2012, a presidente Dilma Rousseff, do PT, declarou Freire o patrono da educação brasileira. Nos anos seguintes, porém, com a crise econômica e mudanças de situação internacional, as forças de extrema direita brasileira ascenderam com grande velocidade e, finalmente, nas eleições de 2018, levaram Bolsonaro ao Palácio do Planalto. Atribuíram o atraso na área do ensino fundamental público às práticas da “ideologia de Paulo Freire”, sob cuja dominação as escolas primárias e secundárias não tinham ensinado conhecimentos adequados, mas tinham “doutrinado” os alunos com “dogmas de marxismo cultural”, para um dia derrubar a ordem social e estabelecer uma “ditadura”. Em falas públicas, Bolsonaro ainda ameaçou entrar no Ministério de Educação para remover todos os vestígios de Freire com lançamentos. Essa teoria da conspiração anticomunista combinou a homofobia e o cristianismo evangélico fundamentalista. Apesar de ignorar o fato de que a pedagogia de Freire não tinha dominado escolas públicas no Brasil (ao contrário, as ideias de Freire tinham influência profunda sobre muitos dos professores em escolas privadas estabelecidas pela Igreja), essa teoria conspiratória parecia altamente provocante.

Em 2019, o deputado Carlos Jordy, membro do campo de Bolsonaro, apresentou um projeto de lei para transferir a honraria de patrono da educação brasileira de Freire para José de Anchieta, padre jesuíta e pioneiro da educação brasileira no século XVI. Curiosamente, depois disso, o reitor e o vice-reitor do Santuário Nacional São José de Anchieta (localizado no município de Anchieta, Espírito Santo), padres jesuítas Nilson Maróstica e Bruno Franguelli, emitiram uma declaração para rejeitar a proposta que despreze Paulo Freire em favor de José Anchieta, pois consideraram Anchieta mais um pedagogo do oprimido (embora de fato a relação entre Anchieta e os indígenas não se harmonizasse tanto). Em 16 de Setembro de 2021, vésperas do centenário

de Freire, a Justiça Federal do Rio de Janeiro decidiu proibir o governo federal de atacar a dignidade de Freire. Ao mesmo tempo, uma onda de elogios e lembranças a Freire vieram de políticos de esquerda, intelectuais em todas as áreas, artistas e várias manifestações do povo brasileiro. O mesmo desagravo ocorreu com a Universidade de Cambridge (que ergueu uma estátua de bronze) e o Google (que elaborou um rabisco de aniversário na página de pesquisa).

Como intelectual do Terceiro Mundo, sem poder político, as ideias de Freire se espalham e exercem efeito em uma escala sem precedentes. Como intelectual da Nova Esquerda nos anos de 1960, as consequências acadêmicas e políticas motivadas por ele na época pós-Guerra Fria também se encontram espantosamente influentes. Isso pode sugerir o seguinte: questionar a natureza da educação é como procurar respostas para o enigma da história.

Sem dúvida, a educação básica da China de hoje está em um caminho correto: previne a educação dos perigos de sua capitalização e hierarquização, reúne esforços de toda a parte para desenvolver e melhorar as escolas públicas, e garante a equidade através de transferências compensatórias de recursos pelo governo e rotação de professores, o que certamente demonstrará mais uma vez a grande superioridade do socialismo. Ao mesmo tempo, no entanto, não precisamos permanecer vigilantes em tempos de paz? Dar demasiada importância em competição e classificação não oprime a realização de outros valores da educação? A estrutura intelectual e a autoestima cultural que o aluno tem conseguido no ambiente nativo são respeitadas de modo adequado? A produção intelectual na escola está em diálogo com o que está ocorrendo nas ruas? Envolvidos no turbilhão brilhante com aparência de “involução caprichosa”<sup>3</sup>, ainda nos mantemos suficientemente sensíveis à semente do ideal? Ou com expectativa mínima de uma educação e de um mundo melhor? Talvez uma fala de Freire valesse que compartilhemos na China: “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem” (cf. FREIRE, 1982).

---

<sup>3</sup> *Nei Juan* em chinês, referindo-se à competição excessiva e insignificante (N.T.).

## Referências

CECHIN, Antonio. “Catequese Libertadora, a prima-pobre da Teologia da Libertação?” *Instituto Humanitas Unisinos* (17/10/2012). <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/514569-catequese-libertadora-a-prima-pobre-da-teologia-da-libertacao>.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Trad. Gu Jianxin e outros. Xangai: Editora da Universidade Normal do Leste da China. 2001. (巴西) 保罗·弗莱雷 (Paulo Freire) 著; 顾建新等译. 被压迫者教育学 三十周年纪念版[M]. 上海: 华东师范大学出版社. 2001.

FREIRE, Paulo. *Education for Critical Consciousness*. New York: Continuum, 1982.

FREIRE, Paulo. Última entrevista. 1997. <https://www.youtube.com/watch?v=4nLhu-z1pAG4>.

GADOTTI, Moacir., and Ana Maria Araújo Freire. *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez Editora; Instituto Paulo Freire; UNESCO, 1996.

HADFIELD, Leslie. “Conscientization in South Africa: Paulo Freire and Black Consciousness Community Development in the 1970s.” *The International Journal of African Historical Studies* 50, no. 1 (2017).

KIRKENDALL, Andrew J. *Paulo Freire & the Cold War: Politics of Literacy*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2010.

KIRYLO, James D, and Drick Boyd. *Paulo Freire: His Faith, Spirituality, and Theology*. Rotterdam: Birkhäuser Boston, 2017.

KOHAN, Walter Omar, et al. *Paulo Freire: a Philosophical Biography*. London, Bloomsbury Academic, 2021.

LEE, Namhee. *The Making of Minjung: democracy and the Politics of Representation in South Korea*. Ithaca: Cornell University Press, 2007.

LIMA, Eduardo Campos. “Who gets to be Brazil’s patron of education under Bolsonaro? Paulo Freire or a Jesuit saint?” *America: The Jesuit Review* (1/7/2019). <https://www.americamagazine.org/politics-society/2019/07/01/who-gets-be-brazils-patron-education-under-bolsonaro-paulo-freire-or>.

O’CADIZ, Maria del Pilar, Pia Lindquist Wong, and Carlos Alberto Torres. *Education and Democracy: Paulo Freire, Social Movements, and Educational Reform in São Paulo*. Boulder, CO: Westview Press, 1998.

RAN, Gao. “A institucionalização da “educação popular” no Brasil: sobre a reforma da educação básica pública na cidade de São Paulo, 1989-1992”. *Estudos na América Latina*. 2017, 39 (06): 120-133+157-158. 高然. 巴西 “大众教育” 的体制化尝试 — 浅论 1989-1992 年巴西圣保罗市的公立基础教育改革[J]. 拉丁美洲研究, 2017, 39(06): 120-133+157-158.

SHEARING, Hazel. “A escultura de Paulo Freire que mira ‘guerra cultural’ na Universidade de Cambridge.” *Folha de S. Paulo* (31/12/2021). <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/11/a-escultura-de-paulo-freire-que-mira-guerra-cultural-na-universidade-de-cambridge.shtml>.

TORRES, Carlos A. *The Wiley Handbook of Paulo Freire*. Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons, 2019.

**Recebido em 20 de novembro de 2022.**

**Aceito em 15 de dezembro de 2022.**